

## FRENTE AO DESEJO DO ANALISTA, SOMOS TODOS LEIGOS

IN FRONT OF THE ANALYST'S DESIRE, WE ARE ALL LAY

Ana Maria Gageiro<sup>1</sup>

**Resumo:** O trabalho versa sobre a radicalidade da proposta freudiana na formação dos psicanalistas ao retomar o debate sobre a análise leiga. Freud nesse ensaio magistral antevia os riscos da regulamentação da psicanálise pelo Estado e lançava à comunidade psicanalítica o desafio de pensar uma formação fundada no desejo do analista. A partir do resgate que Lacan faz da proposição freudiana, trouxemos para a reflexão elementos importantes do Seminário da Ética, o ato psicanalítico e a questão do desejo do psicanalista para pensar a formulação lacaniana de pensar a psicanálise como uma ética.

**Palavras-chave:** Análise leiga. Desejo do analista. Formação em psicanálise. Ética.

*Abstract:: The paper covers the radicalization of the Freudian proposal in the psychoanalysts' training once they return to the debate about lay analysis. In this masterful essay Freud anticipated the risks of the regulation of psychoanalysis by the State and threw to the psychoanalytical community the challenge to think about one training founded in the analyst's desire. From Lacan's rescue of Freud's proposition, we brought up for thought important elements of the Ethics Seminar, the psychoanalytical act and the matter of the analyst's desire to think about Lacan's formulation about psychoanalysis as ethics.*

*Keywords: lay analysis, analyst's desire, training in psychoanalysis, ethics.*

Um dos ensaios no qual se evidencia com mais clareza o posicionamento ético que Freud sustenta do ponto de vista da experiência psicanalítica é aquele sobre "A questão da análise leiga". Nele, Freud defende que a psicanálise é uma disciplina autônoma, e a formação do psicanalista obedece a um protocolo próprio radicalmente independente de qualquer outra formação. Esse texto segue surpreendente não só por sua ideia central e o contexto em que ele é escrito, mas também por verdadeiras pérolas que encontramos nessa leitura.

A primeira delas é a escolha que Freud faz de um interlocutor, a "Pessoa Imparcial"<sup>2</sup>, como ele denominou, que faz as vezes de tantos que já encontramos ao longo de nossa jornada como psicanalistas, para os quais precisamos explicar as peculiaridades da psicanálise e de sua formação.

Na introdução, Freud chama a atenção para o interesse pela psicanálise, mostrando-se surpreso com isso. "Na realidade, as pessoas se têm preocupado pouquíssimo com isto – a única coisa com a qual estavam concordes era o *desejo* de que ninguém devia praticá-la"<sup>3</sup>. Ele finaliza considerando que a exigência

<sup>1</sup>Psicanalista, analista membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, Professora no Departamento de Psicanálise e Psicopatologia e do PPG Psicanálise: clínica e cultura do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Doutora pela Universidade Paris VII, e-mail: ag3465@gmail.com.

de que somente médicos devessem praticá-la era, de certa forma, uma atitude nova e aparentemente mais amistosa em relação à análise. Mas adverte: "...se, isto é, ela puder escapar à desconfiança de ser, afinal de contas, apenas um derivado ligeiramente modificado da atitude mais antiga"<sup>4</sup>. Freud tinha a clareza que no desejo de regulamentar a prática da análise estava o desejo de proibir.

No relatório de Kurt Eissler sobre a história da análise leiga, publicado em 1965, portanto um ano antes de Lacan ter os *Escritos* editados, pode-se entender melhor o panorama social que levou à hostilidade em relação à análise leiga e à radicalização pelos norte-americanos da exigência da análise médica. Ele sustentava a ideia de que, nos primórdios, a psicanálise leiga viu-se homogeneizada pela psicanálise selvagem, ocorrendo abusos. Mas ele deixa de considerar no relatório os efeitos das análises selvagens conduzidas pelos analistas médicos.

"Por outro lado, é importante destacar que foi em grande parte em função da interdição da análise leiga que a inserção da psicanálise na medicina constituiu, na primeira metade do século XX, a vanguarda da psiquiatria acadêmica norte-americana, e contribuiu para afastar a psiquiatria clínica de uma empreitada puramente diagnóstica e carcerária, e para torná-la uma disciplina humana e orientada para o tratamento"<sup>5</sup>.

O ensaio de Freud sobre a análise leiga foi escrito em um contexto em que seu discípulo Theodor Reik estava sendo processado por um paciente psicótico norte-americano, ele próprio médico, que procurara Freud, mas fora encaminhado por esse a Reik. O texto de Freud produziu um efeito de suspensão do processo, mas a hostilidade à psicanálise era declarada. Pouco tempo antes, em setembro de 1924, a psicanalista não-médica Hermine von Hug-Hellmuth, do círculo freudiano, fora assassinada por seu sobrinho, que tinha ido morar com ela aos treze anos após a morte da mãe e dezoito mudanças de domicílio. Hug-Hellmuth teria submetido o jovem a interpretações selvagens, e Wilhelm Stekel, dissidente do movimento psicanalítico, aproveitou o incidente para interpelar a Sociedade Psicanalítica de Viena quanto à questão da análise leiga.

Freud tinha dois focos evidentes nesse momento do movimento psicanalítico, e que estão interligados: o primeiro era a preocupação com a intervenção e o regramento do Estado no que concerne à regulamentação da prática da análise, e o segundo, a clareza de que a questão da análise leiga era a questão propriamente da formação em psicanálise e toda a sua potência. Freud dirige seu ensaio ao movimento psicanalítico internacional propondo uma reflexão sobre a formação dos psicanalistas. Se Freud insiste tanto na questão da formação, é que, longe de procurar instalar a psicanálise em uma torre de marfim, ele quer confrontá-la, ao contrário, com todas as formas de conhecimento. Assim, ao rejeitar o modelo da formação médica, não se trata de apregoar a improvisação ou a selvageria, mas de construir e desenvolver a especificidade da formação analítica.

A formação em psicanálise concebida por Freud, longe de se limitar unicamente aos conhecimentos médicos, engloba a história das civilizações, a mitologia e a literatura, e repousa no postulado da autonomia do registro psíquico em relação ao substrato fisiológico. A psicanálise é uma disciplina autônoma, e a formação do psicanalista obedece a um protocolo próprio radicalmente independente de qualquer outra formação. Paul-Laurent Assoun resumiu a importância desse ensaio na ênfase "sobre a significação do ato analítico, que implica um não alinhamento com uma racionalidade médica"<sup>6</sup>.

Após o congresso de Innsbruck, Freud, cada vez mais isolado, redigiu o que viria a se converter no posfácio a esse ensaio. Nessa última intervenção, não fez concessão alguma e, mais particularmente, atacou seus “colegas norte-americanos”, os quais censurou por uma argumentação incoerente que comparou a “uma tentativa de recalque”.

Essa preocupação de defender a especificidade de sua descoberta, de mantê-la irredutível a qualquer abordagem científica ou espiritual, seria reafirmada por Freud em 1938, sem a menor ambiguidade, quando ocorreu nos Estados Unidos o boato de que ele teria mudado de opinião. “Não consigo imaginar de onde possa ter vindo esse boato estúpido com respeito a minha mudança de opinião sobre a questão da análise praticada por não-médicos. A verdade é que nunca repudiei minhas colocações e que as defendo com vigor ainda maior do que antes diante da evidente tendência dos norte-americanos a transformarem a psicanálise em uma criação da psiquiatria”<sup>7</sup>.

Segundo Jorge, “a questão da análise leiga é complexa e se enraíza na estrutura mesma do discurso psicanalítico e na condição desenvolvida pelo psicanalista para portar esse discurso”<sup>8</sup>. A psicanálise engendra seu próprio saber com outros saberes, mantendo um diálogo permanente com as outras disciplinas, mas o faz de forma inteiramente própria, não se confundindo com outro saber existente: ela não só parte da premissa da sobredeterminação inconsciente, como também emoldura os fenômenos da sexualidade em um quadro novo – o pulsional – definido por ela mesma. Uma das grandes motivações do ensaio de Freud parece ser o de demonstrar a amplitude daquilo que a psicanálise permite considerar sobre o homem e a cultura humana. Mais no final ele considera que a aplicação da psicanálise com neuróticos talvez no futuro não seja a mais importante, e sim seu caráter de pesquisa.

“Deveríamos levar a intervenção analítica até os diálogos fundamentais sobre a justiça e a coragem na grande tradição dialética?” A pergunta de Lacan, em 1950 (LACAN, O Seminário 2 ([1954-55] 1985), talvez sirva para uma peculiaridade a respeito de sua experiência clínica – a compreensão da psicanálise não exatamente como uma terapêutica visando reinstaurar estados anteriores à doença, mas como uma ética. É um trajeto ético a formação do desejo do psicanalista e, nesse sentido, cada um é responsável por sua formação. O que define um psicanalista não é propriamente um saber, uma visão de mundo, é um desejo: desejo do psicanalista. A ética da psicanálise suspende, resiste ao exercício do poder. Segundo Safatle: “Quando Lacan fala de um fundamento da ação ética que apareceria como princípio de orientação para a cura analítica e para a reconstrução da própria noção de normalidade, há de se ter clareza a respeito do que ele entende afinal por ‘ética’ nesse contexto. Talvez a frase mais célebre a esse respeito seja: ‘Proponho que a única coisa a respeito da qual se possa ser culpado, ao menos na perspectiva analítica, é de ter cedido em seu desejo’” (LACAN, [1959-60] 1988, p. 382). Podemos compreender o tamanho da aposta de Lacan em relação à psicanálise. Ele queria retirá-la de toda condição terapêutica e adaptativa para transformá-la em um exercício capaz de nos levar à confrontação com um ato que teria o valor de singularizar formas de relação a si e ao mundo. Segundo Safatle: “Nesse sentido é bom lembrar como a ética a qual Lacan se refere não é a consolidação de horizontes normativos fortemente regulados a partir de uma racionalidade de moldes jurídicos. Ela é o nome de uma abertura a uma alteridade que nos singulariza” (SAFATLE, 2018, p. 85).

Em sua retomada sobre a complexidade da análise didática, Lacan referia que “ela não pode servir para outra coisa senão levar o analisando a esse ponto

que designo em minha álgebra como o desejo do analista” (LACAN, [1964] 1985, p. 17), que opera e sustenta todo o ato. Na *Proposição* ([1967] 2003, p. 248) surge a conhecida afirmação de Lacan: “O analista só se autoriza de si mesmo”, ou seja, de sua posição na prova subjetiva, que implica a liquidação da transferência. Ele complementa que não sozinho “com alguns outros”, mas não quaisquer outros. Era preciso que se sustentassem condições de interlocução pela pertença a um laço simbólico.

Se de uma análise vai resultar um analista, isto é, se será didática, não sabemos antes de interrogar o sujeito, pois não há ensino sem sujeito. “O ensino da psicanálise só pode transmitir-se de um sujeito para outro pelas vias de uma transferência de trabalho [...] Os seminários não fundarão nada se não remetere-m a essa transferência” (LACAN, [1971] 2003, p. 242).

Em seu ensaio sobre “As perspectivas futuras do tratamento psicanalítico”, Freud chegou a apontar, inclusive, que a difusão do saber da psicanálise em escala social poderia ter como efeito o fechamento do inconsciente. Lacan retira dessa indicação freudiana a seguinte verdade: “O inconsciente se fecha com efeito na medida em que o analista ‘deixa de ser portador da fala’, por já saber ou acreditar saber o que ela tem a dizer” (LACAN, *Variantes do tratamento-padrão*, p. 361).

Ainda nesse ensaio, Lacan enfatiza o quanto Freud foi prudente em suas recomendações técnicas, no sentido de que ele não as propôs como dogmas nem receitas. Propõe muito mais uma abertura, um campo onde cada analista construa suas investigações, onde a clínica seja soberana e as ilusões do saber constituído possam ser pulverizadas toda vez que for necessário. Essa posição de Freud corresponde ao que Lacan denominou de desejo de saber, nome dado ao desejo do analista. Desejo movido pela falta de saber, pela falta de saber fantasístico, pelo não saber que sustenta a operação analítica.

Freud, ao enfrentar o legislador austríaco no processo de Reik, diz que: “Charlatão é quem empreende um tratamento sem possuir os conhecimentos e qualificações necessários” (Freud, *S. A questão da análise leiga – Pós-Escrito*, p. 285). É possível seguir pensando com Lacan que Freud foi certo ao apontar como charlatão a posição do sujeito em relação ao saber.

#### NOTAS

<sup>2</sup> Este parece ter sido o fisiologista Arnold During, segundo Elisabeth Roudinesco e Michel Plon, *Dicionário de Psicanálise*, p. 636.

<sup>3</sup> S. Freud, *A questão da análise leiga*, in *ESB*, vol. XX, p. 209.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 209.

<sup>5</sup> M.A.C. Jorge, *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*, vol. 3: a prática analítica, p. 115.

<sup>6</sup> P.-L. Assoun, *Dictionnaire des oeuvres psychanalytiques*, p. 1129.

<sup>7</sup> Elisabeth Roudinesco e Michel Plon, *Dicionário de Psicanálise*, p. 638.

<sup>8</sup> M.A.C. Jorge, *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*, vol. 3: a prática analítica, p. 116.

#### REFERÊNCIAS

ASSOUN, P. L. *Dictionnaire des oeuvres psychanalytiques*. Paris, PUF, 2009.

## EM PAUTA

FREUD, S. A questão da análise leiga. In: \_\_\_\_\_. **Obras Psicológicas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974 [1926]. V. XX.

JORGE, M. A. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol. 3: a prática analítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2017.

LACAN, J. **O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise 1954 – 1955**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, J. **A ética da psicanálise 1959 – 1960**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

LACAN, J. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: **Outros Escritos** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SAFATLE, V. **Introdução a Jacques Lacan**; prefácio Joel Birman – 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.